

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

LUMA ESTELA MARCHI

***A CIDADE SITIADA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2014

LUMA ESTELA MARCHI

## ***A CIDADE SITIADA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Zama Caixeta Nascentes

CURITIBA

2014



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Curitiba

Departamento de Comunicação e Expressão  
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas  
Licenciatura em Letras Português/Inglês



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

### *A CIDADE SITIADA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA*

por

**LUMA ESTELA MARCHI**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado às 14h30min do dia 27 de fevereiro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof. Dr. Zama Caixeta Nascentes  
Prof. Orientador

---

Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin  
Membro titular

---

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida  
Membro titular

**Ao Professor Marcelo,**  
*que sem saber, trouxe uma Lispector a minha vida.*

**A meus pais,**  
*Pais que tanto amo e me orgulho.*

**Aos amigos,**  
*Que tiveram a palavra como princípio de tudo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que contribuíram em minha formação acadêmica e para a conclusão deste trabalho.

Agradeço a Professora Andréia, por ter sido meu porto seguro no desespero e nas lágrimas. Nestes quatro anos, agradeço pela confiança e pela força. Eu espero que este laço não se desfaça.

Agradeço a professora Noemi, por compartilhar comigo a paixão que é ler Clarice Lispector. Nunca vou esquecer nossa primeira aula e o seu apoio em torno deste trabalho.

Agradeço, de forma especial, ao professor e orientador Zama Caixeta Nascentes, que desde o primeiro período me instigou a seguir este caminho, mesmo que tortuoso e muitas vezes inseguro. Mas que me deu todo o apoio e a força necessária para que este trabalho fosse concluído com êxito. *Alles, was ich gemacht habe, wäre unmöglich ohne dich, vielen dank!*

Agradeço a meus pais, por terem me dado o dom da vida e pelo apoio dado, ambos necessários para que esta conquista chegasse a seu momento mais importante.

Agradeço a Marlon Elias Marchi e Fernando Marchi, pela infância compartilhada.

Agradeço a Família Cavol Smanhotto, que neste ano tem sido minha segunda casa,

Agradeço a Erick Wolff Cavol Smanhotto, amigo, namorado, noivo e futuro marido. Obrigada pelo amor, carinho, apoio, incentivo e paciência durante este trajeto.

Agradeço a Ana Júlia de Siqueira Callegari, amiga obrigada por compartilhar comigo sua vida, seu sorriso, suas vitórias. Que nossos 10 anos juntas se transformem em 100.

Agradeço ao Rodrigo Luciani Faria, por sempre ter o mesmo olhar afiado quando necessário, por ter me auxiliado durante minhas brigas com Freud e pela confiança depositada nos momentos ruins.

Agradeço também a Maurini Souza e Andrea Souza, pelo tempo, o carinho, a amizade, a paciência, a cumplicidade, o amor e a maternidade.

Agradeço a Patricia Bahr, amiga, confidente, irmã. Obrigada por compartilhar comigo seus medos, alegrias. Obrigada por incentivar a leitura em minha vida.

Agradeço a Juliano Ribeiro, pelo incentivo e apoio de sete anos.

*Porque quem ama nunca sabe o que ama  
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...  
Amar é a eterna inocência,  
E a única inocência não pensar...  
(Pessoa, Fernando. O meu olhar)*

## RESUMO

MARCHI, Luma Estela. **A Cidade Sitiada**: uma leitura psicanalítica. 2014. 33 FOLHAS. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

O objetivo deste trabalho de pesquisa é analisar *A Cidade sitiada* de Clarice Lispector, a partir dos conceitos freudianos. Para atingir o objetivo deste projeto utiliza-se dos conceitos da psicanálise de Freud para a análise, tais como complexo de Édipo, a interpretação dos sonhos, consciente e inconsciente também são essenciais para o melhor entendimento dos aspectos explorados. Um dos aspectos a ser explorado é a recorrência do “cavalo”, elemento presente na caracterização dos homens com quem Lucrecia se relaciona e até mesmo na construção da personagem.

**Palavras-chave:** Literatura. Sigmund Freud. Psicanálise. Clarice Lispector. A Cidade Sitiada



## ABSTRACT

MARCHI, Luma Estela. **A Cidade Sitiada**: uma leitura psicanalítica. 2014. 33 FOLHAS. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês – Português/Inglês Federal Technology University - Parana. Curitiba, 2014

The objective of this research is to analyze *A cidade Sitiada* by Clarice Lispector, based in freudian concepts. To reach the objective this project has Freud's psychoanalysis concepts for the analysis such as Oedipus complex, the interpretation of dreams, conscious and unconscious, are also essential for the better understanding of the aspects explored. One of the aspect to be explored is the research we going to observe there currence of the "horse". This animal is the characterization of the men with what Lucrecia element related and even the character construction.

**Keywords:** Literature. Sigmund Freud. Psychoanalysis. Clarice Lispector. A Cidade Sitiada

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 REVISANDO ALGUNS CONCEITOS DA PSICANÁLISE FREUDIANA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 ANÁLISE PSICANALÍTICA DE <i>A CIDADE SITIADA</i>.....</b>	<b>17</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As histórias sempre geraram certo fascínio no homem desde os gregos. O escritor tem como foco a construção de um personagem, um enredo. Na psicanálise, Freud lançou luz sob várias obras literárias, como *Hamlet* e *Édipo Rei*, para relacionar a seus estudos acontecimentos comuns entre os homens, o que hoje chamamos de análise literária pelo viés psicanalítico.

Luís Bueno, em seu livro *Uma história do romance de 30*, afirmou que insistir nos mesmos autores e em apenas algumas obras produzidas por eles gera um escopo de conhecimento muito frágil sobre uma época/escola literária (Bueno, 2006). Com a presente pesquisa, realizaremos uma leitura do romance *A Cidade Sitiada*, de Clarice Lispector, a partir da Psicanálise freudiana. O objetivo do trabalho consiste em: apresentar o enredo e as personagens dos romances, elencar os conceitos de Freud que serão utilizados no estudo dos romances e a partir destes elementos, analisar o comportamento de Lucrecia. Estas três etapas serão realizadas em nossa análise em três momentos: a análise *A cidade sitiada*. Desta forma, lançaremos luz sobre o trajeto de vida da personagem, Lucrecia, a fim de obter elementos suficientes para uma análise literária, possibilitando gerar corpos para uma análise psicanalítica sobre seus desejos, escolhas e receios.

## 2 REVISANDO ALGUNS CONCEITOS DA PSICANÁLISE FREUDIANA

Sabe-se que a obra de Freud é muito extensa e difusa. Quando se busca utilizar seus conteúdos, nota-se que é necessário um grande esforço para desenvolver toda uma linha de pensamento, ainda mais quando se decide utilizá-lo para análise e interpretação em contos, romances, teatro ou até mesmo poesia. Esta seção buscará abarcar os conceitos mais centrais para a análise subsequente.

Inicialmente, Freud e Breuer, em 1893, fizeram estudos sobre os mecanismos psíquicos do fenômeno da histeria, fenômeno que se relaciona diretamente com as lembranças reprimidas. Tais lembranças que auxiliam na formação de distúrbios sensoriais e motores, tais como alucinações, vômitos, lapsos de linguagem, convulsões, paralisias, anorexia, perturbação na visão. Tais sintomas decorrem de experiências que produzem afetos aflitivos.

Ainda sobre afetos e o seu significado, Freud em seu artigo denominado *As neuropsicoses de defesa* destaca as origens das neuroses. Neste trabalho, Freud busca aprofundar na psicose, estudo que compreende a histeria e a neurose obsessiva. Observa que o ponto em comum entre as duas é a origem traumática de experiências na tenra infância do paciente, isto faz com que as lembranças ou afetos relacionados a isto se afastem da consciência. Esses afetos possuem certa característica de deslocar, aumentar ou ainda diminuir. Ainda com a ideia do afeto e da energia que lhe é subjacente, Freud acredita que ela não se acaba, e sim se transforma num ponto crucial para o autor quando busca entender e explicar novas patologias.

Prossigamos com a ideia de afeto, recalque e seus efeitos na vida psíquica. O psicanalista afirma que tanto no luto quando na melancolia a concentração de energia psíquica (catexia) depositada sobre aquele ente amado não tem mais destinação. Isso faz com que no luto a pessoa entre em um luto profundo, uma reação comum como a perda de interesse pelo mundo exterior, o estado penoso de espírito e perda na capacidade de amar novamente. No luto, as catexias são retiradas dessa conexão, objeto coisa e memória, e devolvidas ao ego, o ego então investe em outros objetos. Quanto à melancolia, ela possui todos os estágios do luto, mas sua interferência no paciente é pior, diferentemente do sujeito em estado de luto o melancólico sabe que perdeu a pessoa, mas não sabe o que foi perdido.

Partimos então para o que seria o Id, Ego e Superego. Estas três funções trabalham separadas, mas se auxiliam e atuam umas sobre as outras. O Id sinaliza o inconsciente, é regido pelo princípio do prazer. No Id não existe juízos morais ou de valor. O Ego advém do Id, ele se identifica com os objetos externos. A função deste é mediar as pulsões que surgem do Id do combate presente no Superego. O Superego, então, adquire a função moral, ele é formado através das identificações realizadas pela criança na sua fase edípica.

Depois de passarmos por alguns dos conceitos do psicanalista, passamos a sua publicação mais conhecida, *A interpretação dos sonhos* (2010). Freud desenvolveu toda uma teoria sobre o funcionamento psíquico. O sonho, uma das produções da psique, é utilizado pelo autor como uma espécie de paradigma dos outros atos mentais. A interpretação dos sonhos é a mesma para a interpretação dos sintomas, motivo pelo qual a teoria de Freud sobre os sonhos permitiu-lhe também auxiliar na resolução dos conflitos dos pacientes, por meio da remoção dos sintomas. O caminho direto para se perceber os pensamentos não manifestados é o do sonho e suas interpretações

Ainda na teoria dos sonhos, Sigmund Freud afirma que todo sonho é a realização de um desejo, seja pela narrativa do sonho, seja pela distorção que ocorre no processo onírico ou na distorção deste desejo. Enquanto na narrativa do sonho se observa a diferença existente entre o conteúdo a ser manifestado e o latente, nota-se ainda uma expressão dos desejos do paciente. Neste ponto, podemos apontar que segundo o psicanalista os sonhos dispõem de duas linguagens, os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho. Desta maneira, podemos observar de acordo com o autor os pensamentos do sonho surgem e se tornam compreensíveis logo que o paciente acorda. Quanto ao conteúdo do sonho, ele é exposto por meio de uma escrita pictográfica, cuja leitura não pode ser realizada de forma literal, mas aparecem no discurso do paciente ao falar do seu sonho, possuindo uma linguagem própria.

O sonho também se forma pela condensação e o deslocamento. Freud afirma que a função destes dois mecanismos é disfarçar os desejos recalçados, isto é, demonstram que quando relacionados os elementos do sonho são determinados pelos pensamentos do sonho e que cada pensamento deste é representado por elementos variados, sob um disfarce. O sonho é construído por uma massa de pensamentos submetida a um processo manipulativo em que os elementos

possuem suportes para adquirirem acesso ao conteúdo dos sonhos. A condensação pode ser percebida ao compararmos o conteúdo do sonho aos pensamentos oníricos. Consiste em transferir uma emoção, sentimento ou desejo de vários grupos mnêmicos de para um só grupo, ou seja, tornam o sonho mais compacto. O deslocamento em contrapartida é a retirada intensidade atribuída a elementos de alto valor psíquico e a criação, a partir de elementos com baixo valor psíquico, novos valores que irão ingressar no conteúdo dos sonhos.

Durante o processo dos sonhos, o paciente utiliza diferentes elementos que demonstram estar ligados a experiências anteriores, ou seja, expondo as associações da vida infantil.

Para construir o conceito de Édipo, Freud apropriou-se do mito grego escrito por Sófocles, Édipo Rei. O conceito é formulado para explicar o desenvolvimento sexual infantil. Um dos exemplos ligados à interpretação dos sonhos ou ainda ao inconsciente, que podemos fazer, é a análise feita por Freud de *Hamlet* e *Édipo Rei*, ambas as peças se completam quanto à temática do complexo de Édipo, Hamlet completa nas análises de Freud em Édipo Rei.

O que fica claro é que Hamlet tem receio de matar seu tio Claudio, por este já ter realizado seus desejos infantis reprimidos, matando o pai e ficando com a mãe. Outro personagem desta tragédia que demonstra sofrer do mesmo que Hamlet é Ofélia, a loucura da personagem se dá após a morte de seu pai, ao entrar em contato com a ausência de amor do pai e do excesso dado por ela, acaba se entregando à insanidade. Em outras palavras, para Freud talvez seja o destino de todos dirigir os primeiros instintos sexuais a nossa mãe e o instinto de assassinato e ódio ao pai. Esse desejo infantil, recalçando-os, desprendemos o desejo sobre nossos pais e, na vida adulta, escolhemos outro objeto sexual (esposa, esposo) a base do primeiro (mãe, pai).

Em 1905, Freud publica os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que tratam sobre a pulsão sexual. Freud inicia pontuando dois termos, objeto sexual e alvo sexual.

De acordo com Freud, a pulsão sexual se satisfaz por "apoio" na pulsão de auto conservação. E este apoio está diretamente ligado às relações primitivas da sexualidade referente à conservação da vida. Ou seja, em termos instintivos a função de sugar o peito materno, quando pequenos, tem por propósito a obtenção de alimento que satisfaça o estado de necessidade orgânica. Trazendo isso para as

pulsões, a excitação dos lábios/língua pelo peito, produz uma satisfação que não se reduz à saciedade alimentar. Como o autor afirma, a amamentação se torna um modelo para os relacionamentos futuros, tornando o encontro do objeto em reencontro. Através desse relacionamento, entre pais e filhos, que o impulso sexual da criança se constrói referente à sua escolha sexual, esta direciona a atração ao sexo oposto: a do filho pela mãe e a da filha pelo pai. Escolha que se relaciona diretamente ao complexo de Édipo e, por consequência ao incesto. Com a maturação sexual do sujeito, o incesto se torna uma barreira moral e por consequência excluimos nossos pais da escolha objetal. Apesar de a barreira do incesto estar solidificada, transferimos a atração que nutrimos pelos nossos pais o outro que possuía o mesmo objeto. Isto é, transformamos esse encontro num reencontro objetal.

Mas para entender o complexo de Édipo, devemos aprofundar no segundo ensaio intitulado *A sexualidade infantil* presente em *Os três ensaios sobre a sexualidade*. O psicanalista divide a vida sexual dos homens em duas: excitações que levam a criança a continuar fixada em sua escolha objetal (pai ou mãe) ou então na adolescência quando suas escolhas objetais se mostram em desuso. O segundo ensaio foca apenas na etapa infantil.

Pode-se considerar como ocorrência típica que a escolha de objeto se efetue em dois tempos, em duas ondas. A primeira delas começa entre os dois e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual (FREUD, 1973, p. 187).

Neste segundo ensaio, Freud nos mostra o processo do desenvolvimento psicosssexual, o sujeito encontrando prazer em seu próprio corpo, ato que está conectado aos primeiros anos de vida. Algumas partes do corpo infantil encontram-se erotizado<sup>1</sup>. Freud observa então um desenvolvimento progressivo relacionado ao desenvolvimento infantil.

Em *Totem e tabu*, o primeiro ensaio intitulado *Horror ao incesto* tem como objetivo mostrar as relações totêmicas das tribos primitivas com o incesto. O que

---

<sup>1</sup> as chamadas zonas erógenas

determina o interesse de Freud em estudar essas tribos foi a regra que proibia os integrantes das tribos de terem relações sexuais entre indivíduos do mesmo totem, assim como o casamento entre eles. Tal proibição é assegurada sob ordens rigorosas, cuja violação gera sérias consequências para os membros envolvidos, desde feridas e espancamento até a morte.

Relembrando alguns conceitos já determinados, quando puxamos alguns conceitos utilizados no complexo de Édipo, a psicanálise mostra que a primeira escolha do objeto para desejarmos e amarmos é baseada em objetos proibidos, geralmente advindo de ordem incestuosa. Contudo, à medida que a criança cresce, ocorre o recalçamento desse desejo incestuoso, seja pelo pai ou pela mãe. As tribos têm o medo que o incesto se transforme em algo comum.

No segundo ensaio, *O tabu e a ambivalência dos sentimentos*, o tabu é visto inicialmente como um conceito referente à reserva, ou ainda às restrições e proibições que muitas vezes não se sabe ao certo porque foi proibido. Quando confrontamos a problemática do tabu com a psicanálise, os eventos não soam estranhos. Ou seja, pessoas que criaram seus próprios tabus e os seguem da mesma forma que as tribos primitivas obedeciam a tabus comuns em sociedade. Isso levava Freud a sustentar que a atitude ambivalente dos sujeitos neuróticos existia também nos selvagens. As proibições obsessivas acabam implicando em restrições na vida do sujeito. Freud ainda afirma que essas proibições obsessivas tendem a deslocar o objeto de desejo para outro, que quando escolhido, transforma-se inacessível. Em outras palavras, quando recalçamos o desejo ele se torna oculto e inconscientemente, quanto mais se tenta bloquear mais próximo dele se fica.



### 3 ANÁLISE PSICANALÍTICA DE A CIDADE SITIADA

Nesta seção, iremos analisar a obra em questão.

Contudo tínhamos como enfoque inicialmente a análise das obras *Caminho de pedras* (Queiroz) e *A cidade Sitiada* (Lispector) através das personagens, Lucrécia e Noemi, pelo viés psicanalítico freudiano. A aproximação destas duas personagens no trabalho sugeriria uma quebra do paradigma existente de que Lispector e Rachel não se aproximam em suas escritas. Ou ainda, a análise se mostraria de grande importância para a compreensão das expressões dos sentimentos na literatura e de seu desenvolvimento no enredo.

Tínhamos por objetivo nesta seção apresentar o enredo e os personagens que dela se destinam, relacionar os conceitos de Freud e analisar o comportamento de Lucrécia e Noemi perante aos conceitos freudianos elencados. Apesar disto durante a composição do estudo aqui apresentado notamos que a relação entre as protagonistas não se encontravam, Lucrécia busca em outros homens a figura de seu pai, enquanto Noemi tenha já superado o complexo e tem outras questões a resolver na obra de Queiroz. Mesmo que já observado, por nós, a relação de Lucrécia (Lispector) e Roberto (Queiroz), o escopo gerado para análise é pouco, tendo em vista que, pelo fato de não utilizarmos a protagonista Noemi nos gerou pouco conteúdo para a análise, já que todas as relações estabelecidas e atos gerados nesta narrativa direcionavam quase que completamente a Noemi, não a Roberto.

*A Cidade Sitiada*, terceiro romance de Clarice Lispector, será analisado de acordo com alguns conceitos e estudos que elencamos a partir de ensaios produzidos por Sigmund Freud, como *Totem e tabu*, *Interpretação dos sonhos*, *Complexo de Édipo* e os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Partindo-se deste ideal esta seção utilizará os tais conceitos, anteriormente pontuados, com as observações feitas a partir da narrativa.

É notável, para o leitor, que Lucrécia tem um grande interesse pelos cavalos da cidade. Por este motivo, o cavalo será observado nesta análise a partir da teoria psicanalítica freudiana. No início do enredo notamos que Lucrécia já não possui a figura do pai em sua vida e os cavalos assumem esta relação. Nossa protagonista então começa a se comparar a eles, como por exemplo: “a moça e um cavalo

representavam as duas raças” (LISPECTOR, 1998, p. 22). Ainda, demonstra possuir certo desejo perante a estes animais: “Na inveja do desejo o rosto adquiria a nobreza inquieta de uma cabeça de cavalo” (p. 27). Ou então se iguala a eles, citando seu corpo como parte do corpo desses animais: “ela pisando com os cascos” (P. 39). Existe um desejo recalcado por trás dessa ideia de se “equinizar”. Lucrécia tem como desejo os cavalos, porque assim como nos diz Freud, o desejo vai buscar uma forma de se expressar. Uma forma substitutiva para burlar a censura.

Quando começa a se enamorar por alguns homens do subúrbio, deparamo-nos com um desejo que aflora. Com a chegada da maturidade de Lucrécia, esta se vê na idade de casar: “... A moça bem que ansiava por casar” (p. 61). A partir de então verificam-se alguns pontos centrais na análise: Lucrécia deseja ser desejada; observa-se o desejo de desejar advindo de Lucrécia; a barreira existente da protagonista; o cavalo; e a transferência. Todos estes pontos serão discutidos a seguir, utilizando-se do mesmo trecho, o momento que ela se encontra com Felipe. Ele é o rapaz que acompanha Lucrécia no início da narrativa durante os fogos e que a leva para passear pelo morro do pasto depois de Perseu.

Quando Lucrécia começa a se enamorar, o desejo de ser desejada aflora dela, fazendo com que ela queira ser beijada. Observamos isto quando o narrador utiliza-se de metáforas referentes à natureza (flores, água) para demonstrar que Lucrécia estava pronta: “Eis a flor — mostrava o grosso caule, a corola redonda: a flor se demonstrava. Mas sobre o caule também ela era intocável” (p. 71). Isto é, repara-se no desabrochar das flores ou de outros elementos da natureza como uma metáfora do desabrochar do desejo em si. Assim como uma flor é desejada e colhida quando floresce, Lucrécia começava a querer ser escolhida pelos homens de S. Geraldo.

Outro elemento da natureza que corrobora o despertar do desejo em Lucrécia: “A terra em torno da água era humosa, fecunda, exalante” (p. 55). Percebe-se que todos os termos citados convergem para a ideia de vida nova, de desejo. Vida nova surge da terra; a água é tida como elemento primordial de onde surge a vida; fecunda, alude o nascimento, que aponta ao desejo de Lucrécia por Felipe.

No segundo ponto, desejando o outro, percebemos que Lucrécia anseia por um relacionamento “é que ninguém falava em casar-se com ela” (p. 61). Vê em

Felipe uma possibilidade de se casar com um soldado, cavaleiro, fardado, um domador. Mas Lucrecia rompe com ele neste mesmo dia quando Felipe a solicita um beijo.

A barreira aludida ao cavalo pode ser notada com mais clareza. Quando verifica-se que o cavalo que Felipe estava a domar “E ainda por cima o demônio do cavalo está dando pra trás” (p. 53). Na verdade a égua é Lucrecia, arisca, buscando por morder e pisar em um homem que a deseja. Logo após a discussão de ambos, Lucrecia demonstra que “ela o desejará porque ele era um forasteiro, ela o odiava porque ele era um forasteiro” (p. 60). Possuímos aqui uma ambivalência. A personagem demonstra desejar o Tenente, mas por ter inconscientemente reprimido o desejo de desejar um homem que não fosse seu pai, odiando-o. Este ódio se manifesta de outra forma: ela não o odeia por ele despertar nela desejo, a justificativa para o ódio é que ele é um forasteiro. Numa visão psicanalítica, atemos a palavra forasteiro. Ela não significa apenas no que é de fora da cidade, mas aquilo que é de fora. Se cortarmos o complemento “da cidade”, pode ser o de fora o desejo dela. Quem é nativo no desejo de Lucrecia é seu pai e qualquer outro homem na vida de uma mulher, neste caso de Lucrecia, é um forasteiro. Ele é forasteiro sim, mas pensemos nisso como a tópica do desejo de Lucrecia. Ele é de fora e este lugar é do pai, lugar que nenhum outro homem destrona.

Vamos ao outro tópico, o cavalo. Ele é a representação que significa na vida da Lucrecia o interesse pelo pai. A atração erótica pelo pai está nela representado pelo cavalo, como podemos observar em seu interesse por Felipe. Um interesse inconsciente de Lucrecia sobre o rapaz está ligado aos cavalos. No decorrer do passeio do casal, Lucrecia nota alguns traços que Felipe adquiriu como cavaleiro e busca imitá-los:

(...) Novo hábito seu depois que fora afinal admitido na cavalaria; e também ela procurava imitá-lo com atenção, imitando um cavalo. Depois que mudara de armas, tudo o que o perturbava era afastado facilmente, tenente Felipe agora parecia sempre montado. Era assim que ele desviava a moça das pessoas, ambos cavalgando o mesmo corcel através da multidão cada vez mais invisível. Aquele ser familiar e distante, o forasteiro destro no tiro, pois então um guerreiro! (p. 54)

Isso surpreende Lucrecia e a faz ter um maior interesse neste domador. Nossa protagonista busca não turvar seus sentimentos em relação a Felipe. É preciso observar ainda que o desejo de Lucrecia por este rapaz está em torno da

relação dele com os cavalos, pois ele acabou de entrar para a cavalaria e ela o via como um domador. Esta relação irá perdurar diante de seus outros relacionamentos.

Até este ponto é possível supor que a personagem, segundo os conceitos já pontuados na seção anterior, transferiu o sentimento que possuía pelo seu pai a um animal, o cavalo. Ao final do passeio Felipe solicita dela um beijo. Logo, quando Lucrecia precisa ceder aos pedidos de um homem, ela se nega, chegando a afirmar que o real beijo seria aquele em que pisa e morde. Esses são atos que um cavalo realiza, mas uma vez Lucrecia se iguala a um cavalo:

— Nunca! disse rindo antipática em glória, no seu inútil brado de conquista de S. Geraldo, nunca! eu morde você, isso é que é, Felipe... Felipe! chamou na escuridão, eu piso você, isso é que é beijo! disse já séria, toda concentrada nos pés que sapateavam. (p. 59)

Já sobre o ultimo tópico: a transferência. Iremos remeter este ponto da análise ao relacionamento de Lucrecia com Perseu. A relação entre estes dois personagens é conturbada. Como já verificamos, Lucrecia possui o cavalo como um potencial metonímico de representar o pai, por isso seu interesse em Felipe. Já sobre Perseu, seu relacionamento é vazio, não existe em Perseu uma conexão com os cavalos. Tanto que antes do encontro acontecer, a protagonista passa certo tempo escolhendo pelo chapéu certo:

Afinal a escolha de um chapéu a concentrou permitindo-lhe pôr-se a par do aposento. Abriu a gaveta e da escuridão para o ar trouxe o chapéu mais trabalhado. Procurou com atenção um novo modo de usá-lo. Seu impulso era duro e jamais se quebraria em lágrimas: com o chapéu enterrado até a testa olhou-se ao espelho (p. 36)

Quando Lucrecia faz isso, na verdade ela está escolhendo pelo falo que ela deseja. Freud em sua conferencia de número X (dez) intitulada *Simbolismo nos sonhos* (2006), afirma que o chapéu assim como outros objetos (sobretudo, capas, mãos, pés, cobras, por exemplo) são considerados símbolos fálicos. O ato de Lucrecia passar horas escolhendo por um chapéu, na verdade se remete a sua escolha fálica. O chapéu tem como projeção o falo, o chapéu se aproxima do que seria a forma do pênis em ereção. Quando, durante o passeio, Perseu perde o chapéu, atentamos para o fato de que o chapéu de Perseu é, na verdade, um símbolo de luto a sua mãe. Em outras palavras, Lucrecia passa horas na frente do

espelho escolhendo por um chapéu que se ajuste a cabeça. Quando Perseu perde este chapéu na verdade ele ainda está de luto pela mãe por não saber a quem dar seu chapéu (pênis).

Há de se atentar ainda ao fato que Perseu possui dificuldades de transferir seus sentimentos, “A nenhuma mulher sobretudo. Como jamais daria sua harmonia ou a forma de seu corpo. Poderia apaziguar uma mulher” (P. 176). Ele ainda não consegue por-se como objeto de desejo de uma mulher, por isso apazigar uma mulher. Desta forma, assumir que esta é uma posição substitutiva, porque na verdade não é o homem que a mulher deseja. E sim o desejo que o homem substitua a figura do pai.

Pontuamos que Lucrecia está vinculada a seu pai e tem o cavalo como a representação deste em sua vida e que existe na protagonista o desejo de ser desejada, o desejo do outro, a barreira, o cavalo e a transferência. Vamos agora voltar a relação de Lucrecia e Felipe.

O contato entre o forasteiro Felipe e a protagonista se encerra ali, logo após a cena na qual Lucrecia se torna mulher, sujando o lenço de sangue. Neste ponto podemos relacionar a cena descrita por Lispector com seu conto *O primeiro beijo*<sup>2</sup>. Quando Lispector nos apresenta o conto, o personagem está com sede fisiológica, uma metáfora aqui para o desejo. O garoto durante a excursão está num ônibus quente, cheio, e estes sinais demonstram no texto uma alegoria ao desejo. Quando ele desce correndo em direção a estátua e cola os lábios nela, ele mata a sede. Aquela estatua é uma mulher, por isso ele se excita. Enquanto a água entra no corpo e aplaca a sede, do corpo dele jorra um líquido (a primeira emissão de sêmen do personagem) que anuncia a sua entrada na vida adulta. Este conto é o correlato do que ocorre com Lucrecia. Agora, nossa protagonista foi tomada como mulher e sente desejo por ele.

Além da relação de interesse de Lucrecia pelo Tenente Felipe associado ao cavalo. Vamos agora, analisar os sonhos de Lucrecia. Os sonhos possuem grande importância e auxiliam a identificar a relação apresentada até agora na análise.

---

<sup>2</sup> LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Observamos no capítulo cinco um sonho difuso e longo, mas é um lado da narrativa que nos permite mostrar que Lucrecia continua vinculada ao pai e só se interessa por homens a partir do momento que estes homens estão ligados a uma representação do pai, o cavalo. Levando em consideração o estudo feito sobre o livro *A interpretação dos sonhos* na primeira seção, o sonho de Lucrecia é bem fragmentado – em torno de seis sonhos - mas possui elementos que auxiliam na análise e na consolidação de outras partes. Porém, é necessário lembrar que em um sonho nem todos os elementos são utilizados para a análise e às vezes apenas querem camuflar algo. Para isso iremos elencar os elementos que mais se destacam em toda esta narrativa, o cavalo e o pai. O id de Lucrecia busca pelo prazer, por consequência o superego mostra os aspectos morais pelos quais Lucrecia precisa passar e o ego expressa satisfazer os desejos do id de acordo com a realidade e com o superego.

Tendo como o cavalo e o pai o foco para a análise destes sonhos, atentamos, mais uma vez, que o cavalo é o elo entre Lucrecia e seu pai e, por consequência, uma influência na escolha do homem que irá substituir o pai. Lucrecia inicia seu sonho vendo éguas saindo do esgoto assim como outros animais, sendo que ela já havia dando indícios de se comparar a uma, páginas antes “Nos primeiros silêncios uma égua esgazeava o olho como se estivesse rodeada pela eternidade. O potro mas inquieto ainda erguia a crina em surdo relincho.” (P. 28). Uma indicação de que sua vida é atravessada pelo cavalo.

Quando acorda, de seu primeiro sonho, Lucrecia coça o corpo com as mãos embrutecidas “Agora acordada, sua consciência era mais demente que o sonho, e ela coçava o corpo com mãos embrutecidas” (P. 86). Neste momento Lucrecia não possui mãos de mulher, mas sim mãos brutas como de um cavalo. Lucrecia se identifica a uma égua. Durante os sonhos Lucrecia busca pelo prazer, um prazer que conscientemente não é enxergado e acaba sendo encontrando nos cavalos: “A cada parada do sonho, fixava uma rua desconhecida com novas pedras. Mesmo no sono sentia falta de um modo de ver. Atenta, fustigada, ela procurava. Eis que sobre a pista os cavalos diminuía na distância.” (P. 87) Seu id desconsiderou a realidade e obteve a satisfação a partir da imaginação e fez com que Lucrecia enxergasse os cavalos.

É necessário atentar aqui, que Lucrecia não consegue se aceitar diante do que vê em seu sonho. Virando-se de costas para o espelho do quarto, Lucrecia recusa se enxergar desejando o pai. Mas quando começa a sonhar seus sentidos lhe abrem e ela se observa com uma expressão monstruosa e passiva. Lucrecia não se aceita desta forma, por isso desperta. Incapaz de testar a veracidade disto Lucrecia ignora o sonho fixando cega as coisas. Em outras palavras o seu reflexo faz com que ela acorde assustada com ela mesma, como anteriormente citado como um monstro ou uma égua saindo do esgoto e ficou cega, não querendo enxergar o que seu inconsciente mostrava a ela.

No quarto sonho, ainda atentando para fato de ela procurar a imagem de seu pai, Lucrecia continua pela busca dos cavalos e de seu pai até finalmente realizar seu desejo infantil. Porém nossa protagonista acaba indo a uma biblioteca. Nela Lucrecia esfregava o corrimão. “Esfregava, forjava, polia, torneava, esculpia, o mestre-carpinteiro demente (...) Areando a pedra com perseverança, inclinando-se do alto com o pano de pratos na mão” (P. 88). Podemos relacionar diretamente com as primeiras páginas do romance, quando Lucrecia passa os dedos pelos botões da farda de Felipe: “Felipe usava o uniforme. Sob o pretexto de se apoiar, a moça passava os dedos pelos grossos botões, cega, atenta” (P. 13). As cenas se completam. Lucrecia, como já vimos, busca por Felipe por conta de sua relação equestre e Lucrecia na cena seguinte busca por transformar esta pedra em um substituto de seu pai.

Fatigada, em seu quinto sonho, a moça parte para que possui uma estátua equestre, olhando para a colina em trevas e volta a sonhar com o falo desta vez olhando-se para o espelho, “De súbito deu-lhe um instinto, virou-se para o outro lado da cama com ferocidade — sonhou uma coisa instantânea, dura, a colina se recortou com a nitidez torta de um desenho mal feito! ah, ah, exalava-se o subúrbio pleno e arrepiado.” (p. 88).

Seu sonho consegue chegar a se mostrar a protagonista como seria o fim de sua busca, era a primeira vez que sonhará com os cavalos, o morro, o falo e o pai: “Porque era a primeira vez. E não se poderia repetir sem errar.” (p. 90) Mas então nossa personagem apenas demonstra com mais clareza, que seu sonho deriva do conflito nela já existente, “E então foi mesmo de sua boca que a doce confusão do campo nasceu. Um instante porém que a castidade se intensificasse mais e a pura

voz desafinaria em amor, já em pleno tempo de cavalos arrastando carroças entre as coisas.” (p. 90). O conflito de seus desejos inconscientes com seus desejos conscientes quando a castidade posta à prova, nossa protagonista vacilaria e os cavalos carregariam as coisas diante do impasse. Para finalizar esta parte do sonho de Lucrecia, quando ela acorda pela manhã seu narrador descreve o momento como:

De fato a respiração já estremecia fecunda e já havia ameaça no coração ardente de cada vibração; a moça dormia com esforço sobre-humano. Sua respiração já se dividia nos primeiros objetos... que eram de uma beleza extrínseca! (LISPECTOR, 1998, Página 90)

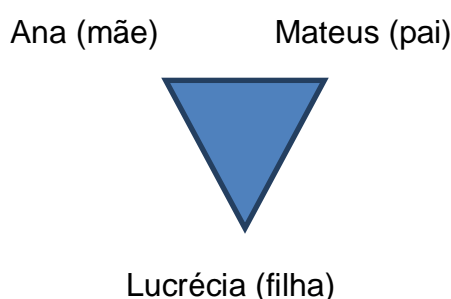
Lucrecia sonhou com seu pai o tempo inteiro, ele foi seu primeiro objeto de amor e pelo qual seu coração ardia a cada vibração. Era ele quem ela tanto procurava em seus sonhos, o cavalo que estava lá o tempo todo que ela se aproximava, mas sua consciência censurava. Mas ela percebe que terá que casar com algum dos homens de S. Geraldo, pois como anteriormente sonha com sua castidade em referência ao ato sexual. Então Lucrecia se vê precisando escolher um homem que a lembre de seu pai, como forma de transferir estes sentimentos.

Porém antes de Lucrecia decidir pelo homem que a faça substituir os cavalos, ela tem seu último sonho, o sexto sonho. Lucrecia afirma que sonha ser como uma grega, única maneira que ela nos apresenta de não se escandalizar diante de seu segredo referente ao desejo paterno. Neste sonho, Lucrecia volta a referenciar a estátua: “Enquanto sonhara, já se passara muito tempo sobre o rosto. Esfarelara-se gasto um detalhe mais vivo, e a evidência da expressão. Os lábios de pedra haviam-se crestado e a estátua jazia nas trevas do jardim” (p. 91). A protagonista sonha com o pai, desgasta-se no detalhe mais vivo de sua memória o rosto e os olhos de pedra vazios jazem na estátua equestre. “Para complementar essa visão o narrador nos apresenta a ideia de que se a estátua se desfizesse: “Sobre os escombros reapareceriam cavalos anunciando o renascimento da antiga realidade, o dorso sem cavaleiros. Porque assim sempre fora” (p. 92). Desta forma, nota-se que Lucrecia procura por um homem que dome o cavalo de seu pai, mas ela sabe que tal ato não perdurará pois logo o cavalo irá aparecer sem um cavaleiro em seu dorso.



Vimos até aqui a ideia que Lucrécia está vinculada ainda a seu pai e que o cavalo é o animal em torno ao qual estão representadas as suas lembranças e suas associações com o pai. Vimos isso por meio de um aflorar do desejo de Lucrécia, do seu desejo de ser desejada, do desejo do outro, da barreira, o cavalo e a transferência. Além disso, o sonho nos permitiu mostrar uma vez que dentro dos seus seis sonhos o elemento cavalo e o elemento pai são apresentados como base destes sonhos. Outro elemento da obra que nos permite mostrar a vinculação entre Lucrécia e o pai é a sua relação com Mateus.

Lucrécia conhece Mateus, um homem misterioso de quem se sabe pouco, “só Mateus que a respeitava com um desejo paterno e cerimonioso, visitando a mãe para cortejar a filha. O que já começava a atraí-la, isso tinha um ar familiar e repugnante, cheirava enfim ao que se chamava de verdadeira vida” (p. 61). Lispector pontua aqui a ideia de verdadeira vida seria que é no interior de uma relação triádica é que nos constituímos, nascendo desta relação. De acordo com os estudos freudianos apresentados na seção anterior sobre o complexo de Édipo, com Mateus forma-se a tríade:



Desta forma, Ana é a mãe, Lucrécia a filha e Mateus o homem que corteja a mãe, mas que realiza o desejo infantil de Lucrécia, casando com ela. A relação dos dois é puramente edípica, tanto que nossa protagonista esquece a sua transferência atribuída aos cavalos quando casa com Mateus, posto que o personagem tenha como objetivo aqui substituir a função do pai para Lucrécia. Tanto é verdade que o cavalo é o pai que quando ela assume outro homem, o cavalo desaparece.

A constante comparação entre a idade de Mateus e a mocidade de Lucrécia e a atração da personagem pelo interesse de Mateus pela sua própria mãe podem ser vistos a partir da noção de complexo de Édipo. Mateus, ao que tudo indica, é

bem mais velho que Lucrecia, tanto que Ana pontua isso antes do casamento ser realizado "é verdade que ele é muito mais velho..." (p. 109) ou quando os outros diziam "vi a senhora com seu pai; ela se rejubilava ofendida" (p. 131). Nossa protagonista realiza o desejo de se casar com o pai, mas ainda se censura. Mas é fato que Lucrecia ainda não superou o pai quando não consegue ter filhos:

E, no meio dessa riqueza, estava Lucrecia Correia despenteada em "robe de chambre", sem conseguir reinar sobre o tesouro, mal adivinhando até onde ia o magnifico porão. Perdera agora certos cuidados consigo, intensamente feliz, arrastando-se, espiando, tentando inventariar o novo mundo que Mateus provocara com o brilhante no dedo médio (p. 123)

Por reprimir o desejo de possuir o pai, Lucrecia não consegue ter filhos. O pai irá agora aparecer diante das escolhas de nossa protagonista, no tipo de homem que ela escolhe, na recusa do beijo, no não envolvimento com o homem, no desejo de não ter filhos. Se ela não quer ter filhos, é porque na verdade o homem que poderia gerá-los é o pai.

Lucrecia, porém, parece perceber que esta união está fadada ao fracasso tendo em vista que seu relacionamento com seu pai irá uma hora acabar. Notamos que ela sufocava de felicidade (prazer), sofrendo (dor) por uma dia ter que amar o da outra (o marido de Ana). Este outro homem que Lucrecia tem de amar é seu pai e sofre pela consequência de seu pai continuar sendo o seu objeto privilegiado. Lucrecia sofre também por ter de amar um outro. E sofre ainda porque amou o pai dado que a faz se punir.

Para continuarmos essa análise precisamos entender antes a relação de Lucrecia com sua mãe, uma relação conturbada. Mesmo não existindo a presença do pai na vida das personagens, a relação entre Ana e Lucrecia é abalada, cheia de atuações:

Cada vez mais Ana procurava se aproximar, ansiosa por participar os insignificantes segredos que a sufocavam (...) Lucrecia desviava os olhos (...) Mas já não precisavam de grandes preparações para entrar nos dois personagens, e os inícios eram cada vez mais rápidos agora, quase impacientes (p. 64-67).

A relação das duas é de pouco contato. Ana busca se aproximar da filha e Lucrecia responde a isso sem demonstrar nenhum interesse. O narrador demonstra também que esta provocação de ambas as personagens ocorre há bastante tempo:

Inquieta com o silêncio, Ana mexeu-se na cabeceira da mesa, estendendo-lhe o prato de pão. Mas a moça a olhou. E então recomeçou o jogo. Lucrécia Neves retirou a fatia e colocou-a com decisão na mesa, sem tocá-la. Esta estupidez fora um dia a cena inicial de longa conversa sobre falta de apetite que terminara em acusações de amor e tristeza, e ficara sendo o sinal secreto de partida. Ana recebeu imediatamente a breve mensagem. Respondeu-lhe com olhos desmesurados fixos no prato: o que já era fingido. Começara alguma coisa. As duas mulheres se tornaram sonsas e sagazes, correndo cheias de cuidado como ratos pela sala em penumbra— e assumindo o caráter desconhecido de dois personagens que elas jamais saberiam descrever mas que podiam imitar, apenas imitando-se. (p. 66).

A relação estabelecida por ambas é ambivalente, assim como as primeiras relações edípicas que se estabelecem. Esta atuação das personagens demonstra que ambas se comportavam, entre elas, com certa cautela apenas por fingimento. Elas possuem um relacionamento saudável. Mas, existe uma mágoa antiga perdurando este relacionamento.

Lucrécia se incomoda com a viuvez feliz de sua mãe. Isso sinaliza para Lucrécia que aos olhos de Ana, o pai não é mais importante. Lucrécia se baseia por Ana, através das escolhas objetivas da mãe, isto é quando a ela aponta substitutos do pai Lucrécia os toma como homens. Ou seja, ela está optando pelas escolhas de base da mãe. Não existe hostilidade e sim uma encenação perante o cotidiano de ambas.

"A mãe não choraria", disse Lucrécia, e isso ofendia Ana. Tornara-se claro, entre as pancadas da chuva, que se a mulher não choraria, não era Lucrécia quem perderia — pois nesse momento seria a humildade e a morta. (p. 67).

Quando Lucrécia diz isso, a mãe chora pela mágoa da acusação da filha, pela possível perda de sua filha. Isso, porque, logo em seguida na narrativa começa a chover, um indicativo de choro. Contudo, deparamo-nos com este fragmento alguns parágrafos à frente:

— Porque a senhora ficaria só, nem precisaria pagar minhas roupas, mamãe, e se sentisse falta de companhia podia até arranjar amigas... Ana agora quase sorria às esperanças que Lucrécia lhe dera; e com os olhos perturbados, já mergulhados no futuro, quase concordava. (p. 67).

Notamos que Ana então chora não pela possível perda de Lucrecia mas pela culpa de desejar a morte da filha e sorrir com a ideia de ter esta esperança. Quando Lucrecia aceita se casar com Mateus, ela opta pela escolha da mãe, como a tríade anteriormente explicada. E esse casamento aparentemente muda o relacionamento das duas, como se agora após a perda da filha e do relacionamento da mesma pelo homem que sua mãe escolheu o conflito entre elas se revolve. O que antes era uma atuação se torna uma amizade sincera:

“Minha cara mãe, Mateus faleceu, só outra mulher pode compreender o desespero de uma viúva! No entanto acho que”... Foi poucos dias depois que recebeu a carta da mãe chamando-a para a fazenda. “Tem aqui um homem muito bom de coração, minha filha, que viu teu retrato e gostou e pergunta sempre por ti e por tua vida, minha filhinha. Digo-lhe que levas a vida de uma santa.” (p. 193)

Nota-se que mais uma vez Lucrecia toma como objeto amoroso o homem apontado pela mãe.

Mas antes de encerrarmos a análise voltamos à relação de Lucrecia com Mateus, levando em consideração o que foi pontuado anteriormente: o fato de Lucrecia estar ainda ligada a seu pai e colocar no cavalo a representação da figura paterna, contemplamos a relação de desejo que existia entre ela e os outros, a barreira e a transferência. Ainda pontuamos as relações estabelecidas nos sonhos de Lucrecia. E a influência objetal da mãe nas escolhas dela.

Quando Lucrecia percebe que a partir daquele momento poderá amar outro, seu relacionamento com Mateus começa a desmoronar e por consequência a doença de Mateus aparece. Em suas ultimas viagens de negócio Mateus envia Lucrecia a uma ilha isolada para que engorde, e tenha o mesmo apetite de quando se casaram.

Com a mudança para a ilha começamos a perceber em nossa protagonista certas mudanças de comportamento perante a sua sexualidade. Quando Lucrecia chega à ilha, depara-se com o consultório do Dr. Lucas. O rapaz que aparece no início da narrativa, um médico da região de S. Geraldo que é casado, mas a mulher se encontra no hospício e que às vezes se encontra pelo acaso com Lucrecia e passeiam. Quando Lucrecia se depara com o consultório do médico, ela retira seu chapéu (lembramo-nos dele como um símbolo fálico). A protagonista demonstra neste ato uma necessidade de realização sexual. Se antes Lucrecia passava horas

na frente do espelho até escolher o chapéu que lhe encaixasse na cabeça (Mateus), agora ela retira o chapéu simbolizando o encontro do pênis.

Mais uma vez eles ficam apenas pelos passeios. O relacionamento entre os personagens se estabeleceu de forma curta e brusca, havia entre eles uma divergência quanto ao desejo que o outro possuía:

No dia seguinte o médico mal trabalhara, aguardando o momento em que veria se a mulher ainda o esperava diante do consultório ou se desaparecera. Mas com súbito horror e súbita alegria — ele a encontrou. De pé, modesta, sorrindo na sua paciência de bicho (p. 67).

Mas quando Lucrecia chega à ilha, os cavalos voltam a cercá-la. Na primeira noite que passa na ilha, ela acorda pela manhã como se tivesse cavalgado a noite toda. Logo após esta passagem, o narrador destaca as rosas desabrochando outra vez, como o aflorar de seu desejo por Lucas. Sinalizando que no final da narrativa Lucrecia consegue substituir o pai por outros homens, abandonando a figura do cavalo. Essa superação se dá na ilha: “Adormecia atenta como se pudesse amanhecer com a casa cercada de cavalos. E parecia a primeira noite a dormir depois que se enterrava uma pessoa” (p. 153).

Começa a ter novos desejos, como afirma o psicanalista, atribuir novos valores a seus objetos de amor. Tanto que desta vez, Lucrecia busca olhar o que antes, em seus sonhos, negava enxergar, “Lucas não teve mais medo de seu rosto. E, nesse momento em que se olharam nus, viram sem espanto que na nudez ele era um rei e ela uma rainha (...) E Lucas, voltando-se para olhá-la (...) Eles se tocaram enfim.” (p. 173-174). Nossa protagonista demonstra que enfim superou sua barreira referente à sua sexualidade, que notamos em seu sonho.

Quando Lucrecia volta para S. Geraldo, Mateus morre e a viúva começa seu trabalho de luto, “A viúva soluçava arrependida. Esquecendo-o cada vez mais.” (p. 193). Ou seja, ela chora por esquecer Mateus tão facilmente, demonstrando estar arrependida por este ato, já que Mateus substituiu o lugar do pai e por consequência dos cavalos. Quando Lucrecia aceita um novo marido, marido que como já falamos anteriormente sabemos ser a escolha objetual da mãe. Indicado por ela. Lispector descreve a cena como “As ruas já não cheiravam a estábulo” (p. 173-174). A lembrança do pai não era mais remetida aos cavalos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que uma análise literária pode ser feita a partir de enfoques teóricos diferentes, esperamos que a nossa análise gere uma compreensão diferente das obras em questão. Trabalhar com Lispector apesar de seu grande contingente de trabalhos acadêmicos é um desafio.

No final do nosso romance analisado, nós deparamos com Lucrecia, já não se vê presa mais a seu primeiro objeto, está pronta para encontrar no outro um reencontro objetual. É necessário atentar ainda que apesar de Lucrecia ter superado o complexo neste aspecto, ela ainda tem o pai como objeto de amor primeiro. Aqui podemos fazer uma relação direta entre a velha Efigênia como um espelho de Lucrecia. Efigênia é o símbolo da antiga cidade, uma pessoa que não aceitou as mudanças: "Quando lhe morrera o marido continuara a manter o pequeno curral, não querendo misturar-se ao pecado nascente" (p. 19). Isoladamente não faz sentido, mas no contraponto com Lucrecia esclarece um ponto da protagonista. O antigo de S. Geraldo que é a Efigênia, é lembrado pelo narrador para expressar o que de antigo permanece vivo (pai) dentro de nossa protagonista.

Notamos ainda uma relação não feita durante as análises, à relação entre a personagem e o título da obra. Para a obra de Clarice Lispector temos a cidade sitiada, se nos apropriarmos ainda dos conceitos freudianos no depararmos com a simbologia de cidade, que simbolicamente se remete a mulher (Lucrecia). Em outras palavras o título significa, uma mulher com seu desejo sitiado. Uma mulher que tem seus desejos cercados (reprimidos).

Por fim, acreditamos ter alcançado o objetivo de analisar esse romance e seus personagens com base na teoria psicanalítica de Freud. Esse estudo nos revela, por meio de uma narrativa cheia de metáforas, a relação de seus personagens com suas escolhas objetuais. Conseguimos, com isso, notar a riqueza literária que esta obra possui. Possibilitando assim aproximar a literatura da psicanálise. Isto é, possibilitar uma leitura universal do comportamento humano.

Desta forma, concluímos, que esta análise está longe esgotar seu escopo. Apenas olhamos estas análises por um viés, existem outros olhares ainda a serem descobertos. Confirmamos a tese de que Lucrecia desejava seu pai e associava ao cavalo o desejo paterno. Nosso estudo, no entanto, está longe de esgotar a análise

dos personagens dos romances. Existem ainda outras relações a se estabelecer entre Lucrecia e sua relação com os gregos e Perseu, ou ainda aprofundar na relação com a Ana, ou os bibelos.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Luís. Divisão e unidade no romance de 30 In:\_\_\_\_\_. **Literatura Brasileira 1930**. Minas Gerais: UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A revolução de 1930 e a cultura**. Porto Alegre, ERUS, 1983.

CHIAPPINI, Ligia; BRESCIANI, Maria Stella. **Literatura e cultura no Brasil – Identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

\_\_\_\_\_. Simbolismo nos sonhos In:\_\_\_\_\_. **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud , vol XV.

\_\_\_\_\_. Feminilidade. In: **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise** (Conferência XXXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1986. ESB, vol XVIII.

\_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. ESB, vol XII.

\_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: *Pequena coleção das obras de Freud*; trad. P.D. Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1973. v.2

\_\_\_\_\_. **A dissolução do complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. ESB, vol. XIX.

\_\_\_\_\_. **Neurose e Psicose**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. ESB, vol. XIX.



\_\_\_\_\_ (1923b) **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, ESB, vol XIX.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu**. In: **Obras completas de Sigmund Freud**; trad. Dr. J.P. Porto. Rio de Janeiro: Delta, s.d. p. 49-239. v.14.

FREUD & BREUER. **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Esb, vol. II.

LISPECTOR, Clarice. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem – uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

OLIVEIRA, Danila Duarte; CORREA, Mariele Rodrigues. **Por que é importante olhar para a literatura em uma análise psicanalítica?** Disponível em: <[http://fio.edu.br/cic/anais/2010\\_ix\\_cic/pdf/11PSI/13PSI.pdf](http://fio.edu.br/cic/anais/2010_ix_cic/pdf/11PSI/13PSI.pdf)>. Acesso em: 05 ago. 2013.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

SOUSA, Carlos Mendes de. **Clarice Lispector – Figuras de linguagem**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.